

**Designou** Doze,  
para que ficassem  
com Ele e para  
**enviá-los** a pregar

As Comunidades de Apóstolos  
no Regnum Christi



REGNUM  
CHRISTI



# Sumário

<b>Introdução</b>	<b>5</b>
<b>Primeira parte. Comunidades de Apóstolos na Sagrada Escritura</b>	<b>7</b>
<b>I Cristo, o Apóstolo do Pai</b>	<b>7</b>
<b>II Os Apóstolos do Reino</b>	<b>8</b>
“Chamou aqueles que quis”	8
“Para que estivessem com Ele”	9
“Para enviá-los a pregar”	11
“Designou doze”	14
Comunidade de Apóstolos como sinal do Reino	15
Comunidade de Apóstolos em missão	16
Elementos fundamentais das primeiras comunidades de apóstolos	18
<b>Segunda parte. Comunidades de Apóstolos no Regnum Christi</b>	<b>23</b>
<b>I Comunidades com Cristo ao centro</b>	<b>23</b>
Comunidades onde Jesus Cristo toma a iniciativa	23
Comunidades onde Cristo é o centro, critério e modelo	25
<b>II. Comunidades Enviadas em Missão</b>	<b>27</b>
Comunidades evangelizadoras	27
Comunidades que fazem escolhas missionárias corajosas e radicais	29
Comunidades que compartilham uma missão	31
Comunidades de apóstolos que formam novas comunidades de apóstolos	35

<b>III. As relações nas Comunidades</b>	<b>37</b>
Família espiritual e corpo apostólico	37
Caridade, comunhão, corresponsabilidade, complementariedade	40
As comunidades que surgem no Regnum Christi	42
<b>Conclusão</b>	<b>48</b>

# Introdução

Uma comunidade de apóstolos é um grupo de discípulos que, reunidos em torno de Cristo, são enviados para fazer o seu Reino presente no mundo. O Regnum Christi é uma comunidade de apóstolos que forma comunidades de apóstolos. Essa identidade, que define e molda nossa espiritualidade e missão, está enraizada no Evangelho e na experiência das primeiras comunidades cristãs.

Este ensaio busca elucidar essa característica definidora do Regnum Christi com base em seu fundamento bíblico, e especificamente nas ações do Senhor durante seu ministério público com seus discípulos (primeira parte), e então aplicar esse ensinamento à realidade atual de nossas comunidades, segundo o carisma do Regnum Christi (segunda parte).

Essa exploração pretende, principalmente, ajudar cada comunidade a renovar sua consciência de ter sido enviada e fortalecer seus laços de comunhão, a fim de discernir como responder, em cada lugar, ao chamado de Cristo para sermos comunidades de apóstolos no mundo de hoje.

*“Assim como o Pai me  
enviou, eu os envio”*

**(Jo 20, 21)**

2025

Centenário da instituição da festa de Cristo Rei

# Parte I. Comunidades de Apóstolos nas Sagradas Escrituras

## I. Cristo, o Apóstolo do Pai

As comunidades de apóstolos no Regnum Christi são reconhecidas como grupos de pessoas chamadas pelo Senhor Jesus e enviadas por Ele em missão. Essa missão não difere daquela que Cristo recebeu de Seu Pai, que O enviou ao mundo para proclamar e fazer presente a Boa Nova do Reino por meio de Suas palavras, ações e total entrega. Em outras palavras, Jesus é o Apóstolo do Pai, e Seus apóstolos participam de Sua própria missão, dando continuidade no tempo e no mundo à obra que Ele iniciou.

O termo “apóstolo”, deriva do grego *apóstolos*, significa precisamente “aquele que foi enviado”. A ênfase recai na grandeza daquele que envia e na centralidade da mensagem que deve ser comunicada. O apóstolo não é apenas um mensageiro, mas um embaixador daquele que o enviou (2 Coríntios 5,20), agindo com a sua autoridade e, na sua pobreza e limitações, fazendo-O presente (Mateus 10,40).

Para expressar que é o Pai quem envia Cristo, São João usa o verbo *apostéllein*, enviar, da mesma raiz da palavra “apóstolo” (cf. João 5,36-38; 6,29-57; 7,29; 11,42; 17,3-8-18; 20,21). Isto sublinha que por trás das palavras, ações e pessoa de Cristo está o Pai. O envio do Filho pelo Pai revela a relação entre eles e estabelece o fundamento da missão de Cristo (cf. Jo 7,16).

Da mesma forma, os apóstolos que aceitam livre e conscientemente este chamado são enviados por Cristo com a sua autoridade para fazer presente o Reino.

## II. Os Apóstolos do Reino

Cristo, o enviado do Pai (Apóstolo), convida outros a segui-lo e os envia também, tornando-os, assim, apóstolos do Reino. São Marcos narra esse envio missionário:

*“Jesus subiu a um monte e chamou quem Ele quis, e eles foram com ele. Designou doze para estarem com ele e para enviá-los a pregar e tiveram autoridade para expulsar demônios” (Marcos 3,13-15).*

Este relato revela os principais elementos daquela primeira comunidade em torno de Jesus: Ele os chamou para estarem com Ele e os enviou em missão, estabelecendo-os como um grupo estável. Todos esses elementos nos ajudam a compreender a nós mesmos dentro do Regnum Christi como um grupo a serviço do Reino. Aprofundar-se em cada um deles é uma fonte de inspiração para nossas comunidades de apóstolos. Exploraremos alguns aspectos desta passagem, convidando você a mergulhar nas riquezas maravilhosas que ela nos reserva.

### “Ele chamou aqueles que quis”

O relato da instituição dos Doze começa com um elemento constitutivo do grupo: todos os que fazem parte da comunidade foram chamados por Jesus. Ele chamou cada um pessoalmente. Ele toma a iniciativa; vai ao encontro de pessoas específicas em seus ambientes e profissões, em seu cotidiano, e

as chama a segui-Lo (cf. Mc 1,16-20; 2,13-14). Esse chamado implica uma mudança em suas vidas. A esses doze, Ele pede que deixem tudo para se dedicarem totalmente a Ele e à Sua missão; a esses e a muitos outros, Ele pedirá um discipulado radical baseado em seus estados de vida.

Os relatos da vocação dos primeiros discípulos mostram a resposta deles a esse convite. Responderam prontamente, cativados pelo seu encanto, acompanhando Jesus em todos os momentos e tornando-se testemunhas do que Ele dizia e fazia. Por isso, puderam proclamar o que tinham visto e ouvido (cf. 1 Jo 1,3). Seguiram o Mestre, recebendo os seus ensinamentos e adotando o seu estilo de vida itinerante. Desta forma, tornaram-se a primeira comunidade de seguidores de Jesus.

É significativo que o Evangelho enfatize que Jesus escolheu chamar os Doze. Ele poderia ter escolhido outro caminho, menos dependente da fragilidade humana, para cumprir a sua missão. Formar uma comunidade de apóstolos foi um ato livre, nascido do próprio coração de Deus. Ao escolher viver com eles, Jesus revela que a comunidade apostólica pertence ao seu próprio plano de salvação. O que Ele oferece ao mundo não é primordialmente uma doutrina, mas uma comunhão de vida com Ele e uma fraternidade de todos Nele, e é assim que Ele deseja realizar a sua missão.

### **“Para que estivessem com Ele”**

O propósito do chamado de Jesus é que cada um dos chamados, e todos juntos como um grupo “estivessem com Ele”. Os discípulos acompanham Jesus, percorrendo juntos os caminhos que Ele trilha, tanto no sentido físico quanto espiritual. Para a primeira comunidade, seguir Jesus significava adotar o

mesmo estilo de vida itinerante. Deixaram seus lares, famílias e profissões para viajar com Ele pelas regiões da Galileia, Judeia e territórios vizinhos, testemunhando Sua pregação e milagres (cf. Lc 8,1-3).

Para esta comunidade, “seguir Jesus” significava abraçar o projeto e o destino de seu Mestre. Jesus mostra o caminho à comunidade (Jo 11,16). O caminho do grupo de discípulos não pode ser outro senão o de Jesus, que aparece diante de seus olhos como um modelo de vida. O discípulo deve fixar o olhar no Mestre, aprender com Ele e, gradualmente, identificar-se com Sua mente e modo de vida.

O plano e o destino do Mestre são revelados gradualmente a esta comunidade. Seus membros nem sempre compreendem plenamente a natureza radical do que Jesus lhes revela (cf. Mc 8,34-35). Mesmo assim, caminham com Ele e O seguem até Jerusalém (cf. Lc 9,51). É lá que o destino de Jesus, e, portanto o deles, se revela definitivamente. Em Jerusalém, na entrega total de Jesus, a comunidade encontra a expressão mais radical do discipulado: eles, como seu Mestre, são chamados a dar a própria vida.

Os Evangelhos testemunham que, embora o chamado seja pessoal, seguir o Mestre é comunitário. Essa comunidade de seguidores compartilha uma comunhão de vida com o Mestre. São convidados a estar com Ele, a viver com Ele (cf. Jo 1,38) e a segui-lo. Isso os coloca em estreita relação uns com os outros, de modo que seguir a Cristo implica viver em comunidade com os outros. Isso cria não apenas laços com o Senhor, mas também profundos vínculos entre eles, formando uma nova fraternidade, uma nova família.

O grupo dos Doze faz parte de um grupo maior de discípulos. Um discípulo, no primeiro sentido da palavra, é aquele que escuta e aprende com os ensinamentos de um mestre que escolhe. No caso de Jesus, isso é extraordinário: é o mestre quem escolhe seus discípulos.

Outra característica que o Senhor enfatiza é o pedido aos seus seguidores para que não escutem passivamente os seus ensinamentos, mas os coloquem em prática (cf. Mc 3,31-35). São precisamente esses ensinamentos que eles deverão transmitir posteriormente (cf. Lc 9,2). O próprio Jesus, após a sua ressurreição, na missão enviada a todas as nações, narrada no Evangelho de Mateus (cf. Mt 28,16-20), afirma claramente que a missão consiste em ensinar os novos discípulos a observar tudo o que Ele lhes ordenou.

O discipulado forma um grupo em torno de Cristo a serviço do Reino, um grupo que abraçou o estilo de vida, o projeto e o destino de Cristo e que se deixou moldar pelos ensinamentos de Jesus. Esses são aspectos que eles proclamarão mais tarde como a mensagem do Reino a todos os povos.

### **“Para enviá-los a pregar”**

O primeiro propósito do chamado de Jesus aos seus discípulos é “estar com ele”. O segundo, intrinsecamente ligado ao primeiro, é “enviá-los a pregar”.

Aqueles que são chamados por Jesus recebem poder para realizar a mesma tarefa que Ele: pregar e realizar os mesmos milagres que Ele realizou (cf. Mc 6,7-13). No chamado a Pedro para ser “pescador de homens”, é anunciado o mandato missionário que dá continuidade à obra de Cristo. Os apóstolos

pregam a conversão (cf. Mc 3,13; Mt 10,7; Lc 9,2; 10,9), expulsam demônios (cf. Mc 3,15; 6,7; Mt 10,1; Lc 9,1; 10,9) e curam os enfermos (cf. Mc 6,12-13; Lc 9,6). Esses três elementos constitutivos da missão de Jesus manifestam a chegada do Reino (cf. Mt 4,23), e agora os apóstolos também os realizam.

Os Evangelhos nos oferecem uma série de textos com instruções que o próprio Jesus dá aos seus apóstolos a respeito de sua missão. Os principais textos são o discurso missionário em Mateus 10; A missão dos Doze em Marcos 6,7-13 e Lucas 9,1-6; as instruções aos 72, em Lucas 10,1-20; e o envio missionário a todas as nações, em Mateus 28,16-20.

O discurso missionário em Mateus 10 é um dos textos-chave para a compreensão da missão das comunidades apostólicas. Este discurso é um dos cinco em que São Mateus apresenta os ensinamentos do Senhor sobre o Reino em seu Evangelho. O apostolado, ou envio, é, portanto, aos olhos de São Mateus, um dos elementos essenciais do Reino.

Este envio é descrito com as mesmas características da missão de Jesus que Mateus narra nos capítulos 4 a 9. Assim, a missão dos discípulos é vista como uma continuação da missão do Senhor. Ambos pregam a mesma mensagem do Reino (cf. Mt 4:17 e 10:7); ambos desenvolvem a mensagem de forma itinerante (cf. Mt 8,20 e 10,9-10); ambos se limitam inicialmente a Israel (cf. Mt 10,5-6 e 15,24); ambas as mensagens podem ser aceitas ou rejeitadas (cf. Mt 10,15 e 11,22-24; 12,41-42); os discípulos agem com o poder de Jesus (cf. Mt 9,34; 12,24 e 10,24-25); tanto Jesus quanto seus discípulos sofrerão perseguição (cf. Mt 10,17, 21 e 24,9-10).

Assim, o discurso missionário de Mateus 10 inspira as comunidades apostólicas do Regnum Christi a compreenderem suas

vidas como uma extensão da missão de Cristo, proclamando o Reino por meio de suas palavras e testemunho, atentas às exigências e principais pontos descritos no Evangelho.

Outro texto importante do evangelista Mateus que pode orientar as comunidades apostólicas do Regnum Christi é o envio missionário a todas as nações (28,16-20). Seu contexto é a região da Galileia, onde Jesus chamou seus discípulos, os reuniu, os treinou e os enviou. Dali, da origem do chamado, é onde a missão deve começar.

O relato nos diz que Jesus, com o poder do Cristo ressuscitado, envia seus apóstolos para evangelizar, desta vez a todas as nações. Eles, paralisados e perplexos com tudo o que acontecera em Jerusalém, são agora enviados na missão para a qual Jesus os chamou desde o princípio.

Esta missão já não se limita às “ovelhas perdidas de Israel” (Mt 10,6), mas estende-se a todos os povos, tornando a proclamação do Reino uma missão universal. A partir deste momento, os apóstolos sairão da terra de Israel para a diáspora judaica por todo o mundo, e mais tarde compreenderão que até os gentios são chamados à mesma fé. O livro dos Atos descreve as sucessivas ondas desta expansão, segundo as próprias palavras de Jesus: “Sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (1,8).

A missão que Jesus confia aos apóstolos é *fazer discípulos de todas as nações* (Mt 28,19). Isso significa dar continuidade à sua própria obra, testemunhando-o para que muitos outros ouçam a Sua palavra, acolham e a ponham em prática, para que, por sua vez, também possam ser enviados (apóstolos). O que os discípulos experimentaram em suas vidas com o Mes-

tre não é apenas um dom para si mesmo, mas um dom para compartilhar com muitos outros. Eles sentem a responsabilidade de proclamar o Evangelho ao mundo inteiro.

“Fazer discípulos de todas as nações” se concretiza por meio de duas ações que o próprio Jesus destaca: *batizá-los em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensiná-los a guardar todas as coisas que eu lhes ordenei* (Mt 28,19-20). Foi isso que eles fizeram, segundo o testemunho dos Atos dos Apóstolos, onde vemos os discípulos pregando a Palavra, batizando e formando comunidades de fiéis. Após receber o poder do Espírito Santo no Pentecostes, Pedro proclamou a mensagem em Jerusalém, e naquele mesmo dia cerca de três mil pessoas se juntaram à congregação. Elas foram batizadas e se dedicaram ao ensino e à comunhão dos apóstolos, à partilha do pão e à oração (cf. At 2,41-42).

Jesus, abrangendo com seu olhar divino todos os séculos da Igreja, fez esta maravilhosa promessa: *“E eis que estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo”* (Mt 28,20). Esta presença constante do Senhor ressuscitado em sua Igreja, e a assistência divina em sua missão são o cumprimento definitivo das promessas feitas por Deus no Antigo Testamento, quando Ele escolheu e enviou: *“Estarei convosco”* (Gn 26,3). Desta forma, a comunidade dos apóstolos não agiu por si mesma, mas foi sustentada e acompanhada pela presença viva do Senhor.

### **“Ele Designou Doze”**

No Evangelho de Marcos, o envio missionário dos apóstolos é enquadrado na instituição dos Doze, ou seja, em um contexto comunitário. Os Doze são uma comunidade de enviados, de apóstolos. A comunidade criada por Jesus tem um caráter

missionário. O grupo é, em si, um sinal cuja própria existência proclama o Reino. Além disso, coloca sua força a serviço da obra missionária.

### *Comunidade de Apóstolos: Sinal do Reino*

Para que essa comunidade seja um sinal que proclama o Reino, ela deve ser caracterizada pela fraternidade e pelo serviço, como se vê especialmente no Evangelho de João. O evangelista coloca o amor no centro do discipulado (Jo 13,23; 19,26; 20,2; 21,7.20).

Jesus ama seus discípulos e os convida a estender esse exemplo de amor humilde e servil. Ele é o modelo de amor e serviço que os discípulos devem imitar. Isso se concretiza no gesto do lava-pés, prefiguração de sua entrega total na cruz (cf. Jo 13,1-17). O “novo mandamento” é o de amar uns aos outros. Esse amor mútuo faz da comunidade, instituída por Jesus, uma verdadeira fraternidade, uma família do Reino onde todos são irmãos e irmãs, filhos do mesmo Pai (Pai Nosso). O fundamento dessa fraternidade é o próprio Jesus, que faz irmãos e irmãs pessoas separadas por muros de desconfiança, ressentimento ou ódio, e de todas as camadas sociais, especialmente as mais pobres em amor.

O novo mandamento é o fundamento do testemunho cristão: *“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos”* (Jo 13,35). Portanto, a comunidade dos apóstolos é sinal do Reino quando existe amor mútuo, manifestado no serviço, seguindo o exemplo de Jesus, que *não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida* (Mc 10,45). O serviço designa a disposição interior do discípulo e molda todos os relacionamentos que brotam do amor a Cristo.

Para as primeiras comunidades cristãs, o serviço (*diakonia*, em grego) geralmente designava as funções especificamente cristãs da comunidade: a obra de caridade, a proclamação da Palavra e o exercício da autoridade. Estas eram concebidas como verdadeiro serviço, seguindo o exemplo de Jesus.

No Regnum Christi, as comunidades apostólicas seguem esse mesmo ideal evangélico: ser sinal do Reino através da fraternidade e do serviço. Imitando o amor de Cristo, manifestado no lava-pés, as comunidades não só se reconhecem como uma família espiritual, mas também na missão apostólica, onde assumem o compromisso de servir, evangelizar e acompanhar, conscientes de que é precisamente nesse amor recíproco e abnegado que o Reino de Deus se manifesta hoje e sempre.

### *Comunidade de Apóstolos em Missão*

As comunidades de apóstolos no Regnum Christi têm consciência de que, como grupo, são um sinal do Reino de Deus e que foram enviadas para proclamar a mensagem do Reino, assim como os apóstolos, na ascensão do Senhor, receberam a promessa de Jesus de serem enviados com o poder do Espírito Santo:

*“Mas receberão poder quando o Espírito Santo vier sobre vocês; e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (Atos 1:8).*

Os Atos dos Apóstolos mostram o crescimento da Igreja primitiva, enfatizando a ação e o papel de liderança do Espírito Santo. A comunidade discerne para onde Ele a está guiando. Eles se sentem enviados pelo Espírito (cf. Atos 13,2-4), guiados para onde Ele quer (cf. Atos 8,29; 16,6-7), impelidos em

sua missão (cf. Atos 10,19-20), fortalecidos e encorajados em suas dificuldades (cf. Atos 4,31; 7,55; 13,50-52), e é o mesmo Espírito que inspira suas palavras em diversas circunstâncias (cf. Atos 4,8).

Graças à ação do Espírito Santo, a boa nova do Reino se espalha e o grupo de fiéis cresce cada vez mais (cf. Atos 6,7). O essencial é o testemunho que dão: Jesus, na Ascensão, pediu-lhes que fossem testemunhas do que tinham visto e ouvido. Portanto, sua missão consistirá em fazer e ensinar de acordo com o que o próprio Jesus disse e fez. Nos testemunhos dos primeiros Padres da Igreja, como Tertuliano, Clemente e Eusébio, fica claro que a primeira evangelização foi uma continuação da missão de Jesus.

Serem testemunhas do Senhor os levou ao extremo de dar a vida por Ele. O martírio foi a forma suprema de fidelidade à missão que receberam, uma expressão de amor total por Cristo e Seu Reino. Os apóstolos, fortalecidos pelo Espírito Santo, não se acovardaram diante da perseguição, confiando na promessa de que o Senhor estaria com eles até o fim. Assim, o testemunho do seu sangue não só selou o seu compromisso pessoal, como também se tornou a semente de novas comunidades de fiéis, fazendo a Igreja se tornar uma verdadeira comunidade de apóstolos, unidos pelo amor e pelo serviço até o fim.

A primeira evangelização começou em Jerusalém e na Galileia, entre aqueles que haviam sido discípulos de Jesus, a maioria de origem judaica, formando assim comunidades de judeus cristãos. A principal característica da geração apostólica foi a intensa atividade missionária que realizaram na terra de Israel e arredores.

Mas a sua missão não se limitou a esses territórios. Como o próprio Jesus Ihes havia ordenado no relato da Ascensão, os apóstolos levaram a mensagem de Jesus até os confins da terra. Paulo, chamado para ser apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, seguiu a inspiração do Espírito e levou a mensagem do Reino ao mundo gentio (cf. Rm 1,1). Tornou-se apóstolo dos gentios (cf. Rm 11,13). Não teve medo de proclamar a salvação mesmo àqueles que nunca tinham ouvido falar do Deus de Israel e do seu Messias (cf. Rm 15,20).

Em continuidade com a experiência dos apóstolos narrada nos Atos dos Apóstolos, as comunidades de apóstolos do Regnum Christi desejam ser testemunhas do Reino até os confins da terra. Como eles, sabem que não o farão por suas próprias forças, mas sim impelidas, guiadas e fortalecidas pelo Espírito Santo. Sua missão não se limita a um grupo restrito, mas, como Paulo, são movidas pelo desejo de proclamar Cristo mesmo àqueles que ainda não o conhecem, fazendo o Reino presente com coragem, amor e fidelidade, mesmo em meio às dificuldades. Assim, essas comunidades contribuem hoje para o dinamismo missionário da Igreja apostólica.

### *Elementos fundamentais das primeiras comunidades de apóstolos*

A primeira evangelização, realizada pela geração apostólica, torna-se um modelo para as nossas comunidades de apóstolos. Nessas primeiras comunidades, podemos identificar uma série de elementos que possibilitaram e impulsionaram a proclamação do Evangelho. Alguns desses elementos, que podem inspirar a missão das comunidades de apóstolos do Regnum Christi, são apresentados a seguir:

1. *O Poder do envio*: um elemento fundamental era a convicção dos primeiros cristãos de que haviam recebido uma missão de Jesus. Portanto, eles se entendiam como “enviados”, apóstolos que compartilhavam a mesma tarefa. Essa convicção os levou a superar todos os obstáculos e dificuldades para levar a mensagem do Reino até os confins da terra (cf. 2 Cor 11,23-27; At 20,24).
2. *O anúncio do kerigma*: o anúncio, ou kerigma, não se perdia em longas discussões sobre aspectos secundários da fé, mas consistia em seu núcleo, que contém em si toda a força e o poder evangelizador: Cristo Senhor, e especificamente sua morte e ressurreição salvadoras. Esta é a expressão da fé dos primeiros cristãos (cf. 1 Cor 15,3-5). A catequese para catecúmenos se desenvolveu como uma etapa subsequente de formação cristã mais profunda.
3. *O testemunho de vida, a caridade fraterna e a diaconia ou serviço*: o poder evangelizador das primeiras comunidades cristãs não se limitava à proclamação verbal, mas era também sustentado pelo testemunho concreto de uma vida transformada pelo Evangelho. A caridade fraterna e o serviço aos mais necessitados tornaram-se sinais visíveis do Reino, conferindo credibilidade à mensagem pregada (cf. At 2,44-45; 4,32-35).

A diaconia, entendida como serviço à maneira de Cristo, expressava-se na forma como cada pessoa vivia o seu ministério na comunidade e na ajuda concreta às viúvas, aos pobres e aos doentes, tornando-se, desde o início, uma característica distintiva da vida comunitária cristã (cf. At 6,1-4).

4. *A escuta do Espírito Santo:* as primeiras comunidades cristãs viviam atentas aos impulsos do Espírito Santo, que ditava o ritmo da missão. Os Atos dos Apóstolos testemunham como a geração apostólica se deixava mover e guiar pelo Espírito (cf. At 13,2). É Ele quem indica e acompanha as decisões referentes à missão, os destinos para os quais os apóstolos devem ir (cf. At 16,6) e as decisões internas da comunidade (cf. At 15,28). A docilidade ao Espírito, o que hoje chamamos de discernimento, foi uma característica distintiva das primeiras comunidades, que reconheceram n'Ele o verdadeiro protagonista da evangelização.
  
5. *Missão itinerante e a rede de colaboradores:* a mobilidade caracterizou a geração apostólica, tanto naqueles que dedicaram suas vidas à missão quanto nos leigos. Lembremos que o Evangelho não chegou à cidade de Roma por meio dos doze apóstolos, mas por meio de leigos que, em suas viagens, encontraram cristãos e levaram a fé no Senhor de volta para seus lares. Mais tarde vieram os apóstolos. Desta forma, a mensagem do Evangelho pôde alcançar diversos territórios e culturas, transcendendo fronteiras geográficas e religiosas (cf. Rm 15,19).

Durante esse período itinerante, uma rede de colaboradores e comunidades foi tecida, acolhendo os missionários, apoiando-os material e espiritualmente e dando continuidade à sua obra evangelizadora em diferentes lugares (cf. At 16,14-15). Os missionários itinerantes da primeira geração apostólica fundavam novas comunidades e igrejas e, após estabelecê-las, formar cristãos e confiá-las ao Senhor, partiam novamente para continuar fundando ou consolidando igrejas em outros lugares.

Exemplos dessa rede de colaboradores incluem companheiros missionários como Paulo e Barnabé (cf. Atos 13:2), Paulo e Silas (cf. Atos 15,40) e discípulos e colaboradores como Timóteo, Tito, Priscila e Áquila (cf. Rm 16,3-4; 2 Tm 4,19). Essa comunhão de pessoas sustentava a missão, mostrando que a evangelização não dependia apenas de indivíduos isolados, mas de uma autêntica comunidade apostólica unida pelo mesmo objetivo: fazer o Reino de Deus presente em todos os lugares.

6. *Pluralidade*: a primeira evangelização caracterizou-se pela presença, na comunidade, de uma pluralidade de abordagens para viver a missão e para lidar com a diversidade sociocultural da época.

Observamos, antes de tudo, uma pluralidade de grupos e missões. Na Igreja primitiva, distinguimos o grupo reunido em torno dos Doze, os helenistas, o grupo liderado por Tiago, as comunidades paulinas, as comunidades joaninas e também missionários itinerantes como Apolo, que, integrados à missão comum, contribuíram para a proclamação do Evangelho por meio de sua pregação e ensino.

Em segundo lugar, há uma pluralidade na maneira como a missão é vivida: uma diversidade de carismas, todos colocados a serviço da mesma missão, e também expressos nos vários serviços dentro da comunidade. Paulo expressa isso quando compara a Igreja a um único corpo composto por muitos membros (cf. 1 Cor 12,4-5.12). Cada membro tem uma função específica, seja proclamando a Palavra, prestando serviço material aos mais necessitados ou servindo na autoridade, e todos contribuem para a edificação do Corpo de Cristo e para a presença do Reino (cf. Rm 12,4-8).

Em terceiro lugar, o contato com a diversidade sociocultural da época gerou formas de inculturação em diálogo com as expressões culturais mais valiosas de cada povo, como a filosofia grega. Isso explica a enorme capacidade do movimento cristão nascente de penetrar ambientes muito diversos. Dessa forma, a proclamação do Reino não se restringiu a uma única sociedade ou estrato social, mas foi oferecida como uma proposta universal, capaz de criar raízes nas mais diversas situações.

As comunidades de apóstolos do Regnum Christi, inspiradas pela experiência da primeira evangelização, reconhecem nesses elementos fundamentais um modelo que permanece sempre relevante para a sua missão. A consciência de terem sido enviados, a proclamação clara da mensagem de Cristo, o testemunho de vida, a caridade concreta, o discernimento na missão, o trabalho colaborativo e a capacidade de adaptação às diversas realidades também moldam o seu modo de ser e agir hoje, buscando fazer o Reino de Deus presente no mundo com o mesmo espírito que animou os primeiros cristãos.

# Parte II. Comunidades de Apóstolos no Regnum Christi

Na primeira parte, identificamos os fundamentos bíblicos das comunidades de apóstolos. Seguindo o exemplo dessas comunidades e à luz do Magistério e do carisma, as comunidades do Regnum Christi são caracterizadas como comunidades chamadas a se reunir, reunidas em torno de Jesus, configuradas a Ele e enviadas em missão.

## I. Comunidades com Cristo ao Centro

### Comunidades Onde Jesus Cristo Toma a Iniciativa

“A comunidade evangelizadora experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, que Ele foi o primeiro a amar.”<sup>1</sup>

As comunidades do Regnum Christi nascem da iniciativa de Jesus. Assim como Jesus instituiu os Doze para estarem com Ele e enviá-los (cf. Mc 3,13-15), também hoje Ele sai ao encontro de cada pessoa, chamando-a e acolhendo-a em sua realidade concreta, considerando sua identidade, sua cultura e suas necessidades, a fim de convidá-la a uma relação pessoal e transformadora.

---

<sup>1</sup> *Evangeli gaudium*, n. 24.

Dessa amizade pessoal com Cristo, somos chamados a viver ao lado de outro o que Ele próprio viveu com seus discípulos. O Deus dos cristãos é o Deus do encontro; portanto, as nossas comunidades são, sobretudo, uma expressão deste encontro: diferentes pessoas que, tocadas pelo Seu amor, se reúnem à Sua volta para participar na Sua missão.

Saiba mais no ensaio "Viva o mistério do Reino".



Assim, as comunidades do Regnum Christi não são simplesmente grupos de pessoas com interesses comuns, nem ONGs, nem clubes sociais. O que nos une é o dom de um carisma comum, que gera uma comunidade na qual partilhamos um espírito e uma missão, formando assim uma família espiritual e um corpo apostólico.

*“A força do vínculo que nos une é a vida em Cristo dada pelo batismo e o chamado comum do Senhor para partilhar o dom de um mistério particular da Sua vida, a fim de fazer presente o Seu Reino nos nossos corações e na sociedade. Não se trata de nos associarmos simplesmente para ‘perseguir um objetivo particular de natureza religiosa ou social’ (Iuvenescit Ecclesia, n. 2).”*

## **Comunidades onde Cristo é o centro, o critério e o modelo<sup>2</sup>**

“A nossa espiritualidade centra-se em Jesus Cristo (cf. EFRC, n. 12), que molda e exemplifica as nossas comunidades com o seu estilo, porque ele é o seu centro, o seu critério e o seu modelo.

Por isso, toda a comunidade de apóstolos é chamada a seguir Jesus, a adotar seus critérios e estilo de vida, o que implica deixar para trás o que não é evangélico e fazer escolhas e sacrifícios.

Portanto, é importante ter em mente uma das tentações de nossas comunidades: adotar os princípios, critérios e métodos dominantes do mundo para o qual o Senhor nos envia. Na busca por aceitação e reconhecimento, na urgência de soluções imediatas ou no desejo de sucesso, corremos o risco de esquecer que, embora estejamos no mundo, pertencemos a Cristo”. (Comunicado da Convenção Geral RC 2024, n. 11 § 3).

Para viver o cristocentrismo de forma concreta, é necessário que nossas comunidades sejam alimentadas e encontrem Cristo na Palavra de Deus, nos sacramentos e na oração.

“A partir da Ascensão, Cristo se faz presente por meio da Sagrada Escritura e da fração do Pão. A comunidade cristã se forma e cresce reunida em torno desses dois alimentos: a Palavra e a Eucaristia, celebradas na missa dominical e continuadas ao longo da semana por meio da meditação e da partilha comunitária das Escrituras”. (cf. Ensaio “O Encontro com Cristo”, p. 21).

---

<sup>2</sup> EFRC, n. 12.

Algumas expressões concretas disso são:

- Vida eucarística: A comunidade encontra Cristo na celebração da Eucaristia, na adoração eucarística e nas visitas ao Santíssimo Sacramento, cujo fruto é a comunhão com Deus e com nossos irmãos e irmãs (EFRC, n. 22).
- O lugar dado ao sacramento da reconciliação, que nos renova no amor e nos configura a Cristo, separando-nos do pecado.
- O “Encontro com Cristo”, onde, como comunidade e à luz da Palavra, os membros examinam suas vidas, discernem o que o Senhor espera deles para evangelizar a realidade em que vivem, encorajam-se mutuamente no seguimento de Cristo e reacendem seu zelo apostólico (cf. RFA, n. 15).
- Oração comunitária: assim como uma família que reza unida permanece unida, uma comunidade que reza unida é fortalecida em Cristo e preparada para viver sua missão evangelizadora. Como membros de uma comunidade, a oração pessoal não basta, pois a oração comunitária nos nutre, fortalece e impulsiona. Somos chamados não apenas a nos reunir para “fazer coisas”, mas a ouvir o Mestre, discernir e responder ao seu chamado e convite. Sem a oração comunitária, não há verdadeira comunidade de apóstolos.

Assim, a Palavra, a Eucaristia e a oração comunitária são as forças de coesão e envio. Por meio delas, compreendemos o estilo de Jesus, com o qual somos chamados a viver a missão.

## II. Comunidades Enviadas em Missão

### Comunidades Evangelizadoras

Quando enviados para proclamar o Reino, os primeiros apóstolos proclamaram, por meio de seu testemunho e de suas palavras, o que “tinham visto e ouvido”, isto é, a pessoa de Jesus e a Boa Nova do Evangelho, e confirmaram isso com os sinais que realizaram em seu nome. De modo semelhante, as comunidades de apóstolos no Regnum Christi compartilham sua experiência com Jesus e se tornam proclamadoras e presença do Reino no mundo, onde são chamadas e para o qual são enviadas. Elas confirmam sua mensagem com os sinais da nova vida que receberam no batismo, que molda seu relacionamento com Deus e com os outros.

As comunidades do Regnum Christi buscam viver como comunidades em missão, nas quais o poder de serem enviadas brota da experiência do amor de Cristo e gera em seus corações uma urgência interior de se dedicarem apaixonadamente a fazer presente o seu Reino: “o amor de Cristo nos impele” (2 Coríntios 5,14)<sup>3</sup>. Movidos pelo desejo de Cristo de reacender em nossos corações a chama do amor do Pai, nós, como discípulos missionários, vivemos a missão de proclamar o Reino e levar a luz do Evangelho ao mundo.

Este não é apenas um compromisso pessoal, mas comunitário, pois a comunidade possui um poder evangelizador especial. Há um forte aspecto comunitário na proclamação do Reino: queremos que Ele esteja presente não apenas nos corações individuais, mas também na sociedade. E buscamos fazê-lo não apenas por meio da ação apostólica pessoal, mas

---

<sup>3</sup> Cf. *EFRC*, n. 10. “O amor de Cristo nos impele”.

também por meio da ação comunitária<sup>4</sup>, fazendo nossas as palavras de São Paulo VI: “Os que acolhem sinceramente a Boa Nova, por meio dessa acolhida e participação na fé, reúnem-se em nome de Jesus para buscar juntos o Reino, construí-lo e vivê-lo. Constituem uma comunidade que é evangelizadora por si só”.<sup>5</sup>

Não se trata de “percorrer mais terreno” ou “ir mais rápido” como apóstolos solitários. Não foi assim que Jesus realizou a sua missão. Ele reúne a comunidade dos doze para proclamar a Boa Nova do Reino com eles e por meio deles. Mesmo quando os envia à frente para preparar o caminho, envia-os dois a dois para que, “aperfeiçoados na unidade, o mundo creia que tu os enviaste” (cf. Jo 17,22).<sup>6</sup>

A comunidade, como tal, também tem sua função apostólica. Por um lado, é o lar onde os apóstolos encontram o Mestre na oração, são formados, fortalecidos na comunhão e renovados. Ao mesmo tempo, diante do mundo, a comunidade dos apóstolos é um farol, uma cidade no alto de um monte que não pode ser escondida (cf. Mt 5,14). Nesse sentido, o ambiente tipicamente cristão de unidade e caridade é o principal apostolado da comunidade como tal: *“Para que todos sejam um. Assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”* (Jo 17,21). Isso significa que viver o espírito de Cristo em nossas comunidades deve ser uma prioridade apostólica, porque é a garantia da fecundidade apostólica e não apenas um objetivo louvável de misticismo interior para criar um ambiente agradável.



Somos chamados a redescobrir esse aspecto essencial e apostólico da comunidade, pois a comunidade, “além de ser um testemunho essencial para a evangelização, é de grande importância

4 Cf. EFRC, n. 7.

5 *Evangelii nuntiandi*, n. 13.

6 Comunicado da equipe internacional da pastoral juvenil do Regnum Christi, *Comunidades de apóstolos que formam comunidades de apóstolos*, 2023.

para a atividade apostólica e seu fim último. (...) A comunhão fraterna está, de fato, no princípio e no fim do apostolado.”<sup>7</sup>

A comunhão e a missão estão profundamente interligadas e se implicam mutuamente, de modo que a comunhão representa tanto a fonte quanto o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão.<sup>8</sup>

## Comunidades que fazem escolhas missionárias corajosas e radicais

Ao vivermos um estilo de doação e entrega sentimos o chamado para ser e formar comunidades que vão ao encontro das necessidades mais urgentes do mundo e da Igreja; que aproveitam com ousadia as oportunidades que surgem em nossas próprias vidas para proclamar o amor de Cristo; e que empreendem com corações magnânimos, entusiasmo e criatividade aquelas ações que tornam o Reino presente de forma mais profunda e ampla (cf. EFRC, n. 10).

Uma comunidade de apóstolos é uma comunidade aberta e voltada para o exterior, que supera a potencial paralisia do isolamento, do retraimento e do medo de sair ao encontro daquelas realidades — muitas delas novas ou complexas — que exigem a presença de Cristo Ressuscitado.

A primeira  
Convenção  
Geral Ordinária  
da Federação  
Regnum  
Christi, em seu  
comunicado,  
apresentou  
algumas opções  
missionárias que  
nos sentimos  
chamados  
a seguir.  
Ela também  
menciona  
algumas  
tentações às  
quais podemos  
cair e nos  
convida a estar  
vigilantes.



<sup>7</sup> *La vida fraterna en comunidad*, n. 2d.

<sup>8</sup> Cf. *Christifidelis laici*, n. 32.

Somos chamados a participar de um processo que nos ajude a descobrir, ao nosso redor, a presença das sementes do Reino, que crescem silenciosamente, mas com força. Somos chamados a atribuir valor interpretativo ao aqui e agora do tempo presente, como um verdadeiro kairós; a ler os sinais dos tempos e transformá-los em sinais de esperança<sup>9</sup>. Portanto, somos chamados a desenvolver novas propostas missionárias capazes de dialogar com a realidade da humanidade e do mundo atual, de estabelecer um diálogo frutífero e relações significativas que nos permitam proclamar e tornar presente um Cristo vivo.

## Comunidades que Compartilham uma Missão

Quando falamos de uma missão comum, no sentido mais amplo, referimo-nos à missão do Regnum Christi, da qual todos nós que fazemos parte participamos segundo nossa vocação e estado de vida (cf. EFRC, n. 6-8).

Em um sentido mais específico, falamos de uma missão comum quando nos referimos à missão compartilhada por uma determinada comunidade — equipe, seção, localidade etc. — em um tempo, lugar e circunstâncias específicos. Essa missão deve ser discernida por aqueles que fazem parte dessa comunidade; ela precisa ser abraçada e vivida por todos, de acordo com sua própria identidade pessoal ou institucional.

O discernimento da missão é o processo pelo qual um grupo de pessoas busca a vontade de Deus para sua comunidade. Isso exige que aprendamos a interpretar a realidade ao nosso redor a partir de uma perspectiva de fé, utilizando o Evangelho e o carisma que Deus nos deu. Precisamos ser capazes de ver

---

<sup>9</sup> Cf. *Spes non confundit*, n. 7.

o mundo através dos olhos de Cristo, julgar e agir a partir do Seu Coração e ter uma compreensão realista e esperançosa do nosso entorno. Isso nos permite fazer um autêntico discernimento apostólico da realidade, para que possamos responder com mais eficácia aos desafios que ela apresenta.

“Cada cristão e cada comunidade discernirão o caminho que o Senhor lhes pede, mas todos são convidados a aceitar este chamado: a sair de nossas zonas de conforto e ousar alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”.<sup>10</sup>

O discernimento comum torna-se, assim, uma jornada espiritual para juntos descobrirmos a melhor maneira de servir a Deus e ao próximo. Requer o seguinte de cada pessoa e da comunidade:

- Oração profunda e contínua para preparar os corações, libertar a comunidade de preconceitos, medos ou desejos desordenados e estar disponível para qualquer caminho que Deus indicar.
- Escutar o Espírito e os outros. Escutar atentamente o que cada pessoa diz e o que acontece na realidade.
- Ler a realidade. O discernimento não se faz no vácuo: *envolve ler os sinais dos tempos* (Mt 16,3). Do que o mundo, a Igreja e os necessitados precisam hoje, tanto material quanto espiritualmente? Para onde Deus nos chama?
- Diálogo espiritual e deliberação conjunta. Não se trata de uma discussão de opiniões, mas de uma troca que começa com a oração e busca identificar os movimentos do Espírito para descobrir para o que e para quem Ele nos chama, e como Ele nos envia.

---

<sup>10</sup> *Evangelii gaudium*, n. 21.

- **Confirmação espiritual.** Espera-se que, ao tomar uma decisão, haja consolo compartilhado, paz, clareza, um senso de unidade interior e entusiasmo comum. Isso pode ser um sinal de que o caminho escolhido está de acordo com Deus.
- **Acompanhamento e liderança espiritual.** Um facilitador ou guia ajuda a manter o foco espiritual do processo e protege o discernimento de cair em meras estratégias humanas. As ferramentas organizacionais também são muito necessárias e benéficas, desde que sejam meios orientados para o fim pretendido e não fins em si mesmos.
- **Tempo e paciência.** O discernimento comum não é instantâneo. Requer paciência, humildade e disposição para esperar e rever as decisões.

Uma vez realizado esse discernimento, formular a missão comum é um passo fundamental: envolve expressar de forma clara e comunitária o chamado que Deus fez ressoar na comunidade para um tempo, lugar e contexto específicos.

A declaração de missão é uma síntese, uma expressão e um compromisso. Ela deve capturar o que o Espírito revelou por meio do processo de discernimento e dar origem a uma orientação compartilhada e operacional. A declaração deve ser:

- **Uma síntese espiritual e em espírito de oração:** a missão não é uma estratégia humana, mas uma resposta a um chamado divino. Deve ser discernida em espírito de oração, reunindo ressonâncias comuns, os sinais mais claros do Espírito e os chamados concretos da realidade.
- **Clara concreta e evangelizadora.** Deve ser compreensível, inspiradora e oferecer diretrizes claras para viver a missão.

- Comum, não apenas aprovada. Não basta que seja redigida por alguns e aprovada por outros. Deve haver um profundo senso de pertencimento: todos devem poder dizer: “Esta é a nossa missão”.
- Orientadora, porém aberta. Não é um plano fechado, mas uma bússola para direcionar as ações de todos que a viverão. Deve deixar espaço para que o Espírito continue a guiar ao longo do caminho.

Como mencionado, discernimento e formulação não são suficientes. A missão comum tem implicações muito concretas para todos e engloba:

- Um compromisso partilhado por todos. A missão torna-se um critério comum para a ação e a revisão.
- A construção da unidade na diversidade, uma vez que nem todos agirão da mesma forma, mas remam na mesma direção. Todos são chamados a vivenciá-la de acordo com a sua identidade, dons, papéis e possibilidades.
- Conversão contínua. A missão desafia-nos a rever estilos de vida, prioridades e estruturas. Conduz-nos a uma conversão apostólica: desapegarmo-nos daquilo que já não nos serve e abrimo-nos às novidades que o Espírito inspira<sup>11</sup>.
- Avaliação e revisão periódicas. Não basta formular a missão uma única vez. Precisamos avaliar regularmente se a estamos vivendo e se novos chamados exigem que a atualizemos.

A missão não se limita à proclamação explícita do Evangelho, mas se expressa também no testemunho público e transformador que as nossas comunidades oferecem na vida social:

---

<sup>11</sup> *Evangelii gaudium*, n. 27.

educação, família, cultura, economia, política, meios de comunicação, arte e vida pública. Ser comunidades de apóstolos significa ser sal e luz no coração do mundo, vivendo a fé com ousadia e criatividade, proclamando com alegria a mensagem do Reino em diálogo com as realidades e necessidades do nosso tempo.

## **Comunidades de apóstolos formando novas comunidades de apóstolos**

As comunidades de apóstolos são chamadas não apenas a viver ativamente a sua fé, mas também a ser fermento que gera nova vida apostólica. Essas comunidades, profundamente unidas a Cristo e umas às outras, tornam-se centros vibrantes de evangelização. Elas não se contentam em simplesmente preservar o que receberam, mas, movidas pelo amor a Cristo e ao próximo, dão origem a novas comunidades de apóstolos. Assim, a missão se multiplica numa dinâmica de caridade apostólica, onde cada apóstolo se torna formador de outros apóstolos, respondendo ao mandamento do Senhor de fazer discípulos de todas as nações e expandindo o Reino de Cristo nos corações e na sociedade.

As primeiras comunidades cristãs abraçaram naturalmente a formação de formadores como parte essencial de sua missão evangelizadora, e o fizeram por meio de uma rede de colaboradores profundamente unidos na fé e na missão. Como vimos Paulo, por exemplo, contou com uma rede de colaboradores que ele formou e enviou para que, por sua vez, pudessem formar novas comunidades. Essa lógica de comunhão missionária assegurou a expansão do cristianismo e a força de suas comunidades. De modo semelhante, hoje a Igreja — e o Reino de Cristo em particular — é chamada a viver esse modelo

apostólico: formar formadores em redes de colaboradores que, com responsabilidade compartilhada, continuem a multiplicar apóstolos como os das primeiras comunidades.

Se você quiser aprofundar-se neste tópico, pode consultar: *Evangelii Gaudium*, 102, 12, 160, 173.



Essa tarefa exige uma preparação integral — humana, espiritual, intelectual e apostólica — que capacite os formadores a acompanhar, discernir e multiplicar apóstolos com autenticidade e maturidade. O Magistério recente insiste que uma Igreja sem formação não pode sustentar sua missão ao longo do tempo e que formar formadores é assegurar a continuidade, a profundidade e a fecundidade do anúncio do Evangelho. Assim, investir na formação de formadores não é um luxo, mas uma prioridade a serviço do Reino de Cristo.

As comunidades de apóstolos não são chamadas apenas a se multiplicar em novas comunidades, mas também a se tornarem terreno fértil onde germinem vocações específicas. Na experiência compartilhada do carisma, muitos descobrem, acolhem e respondem ao chamado de Deus para um compromisso mais pleno, seja no sacerdócio, na vida consagrada ou num matrimônio profundamente comprometido com a missão de Cristo. Desta forma, as comunidades do *Regnum Christi* tornam-se também espaços onde se gera e cultiva uma verdadeira cultura vocacional, que acolhe, acompanha e promove os chamados pessoais do Senhor no âmbito de uma missão compartilhada. A fecundidade apostólica manifesta-se, assim, também na capacidade de despertar e sustentar novas vocações ao serviço do Reino.

Se você quiser se aprofundar no assunto, pode ler o ensaio: “Eis-me aqui, porque me chamaste”, sobre *Cultura, Pastoral e Promoção Vocacional no Regnum Christi*.



### III. Relações nas Comunidades

#### Família Espiritual e Corpo Apostólico

##### *Identidade e sentido de pertencimento*

O senso de comunidade e trabalho em equipe, dom do Espírito enraizado na comunhão trinitária<sup>12</sup>, é parte fundamental da nossa identidade no Regnum Christi. Os Estatutos afirmam que “o testemunho, o anúncio e o crescimento do Reino de Cristo constituem o ideal que nos inspira e dirige” (EFRC, n. 13). Esse ideal nos faz sentir parte de um corpo no qual cada membro tem seu lugar, sua contribuição específica, como em uma família ou em um organismo vivo. Embora cada pessoa viva sua vocação de maneira única, todos contribuem para a mesma missão.

*Há diversidade de carismas, mas um só Espírito; há diversidade de ministérios, mas um só Senhor; e há diversidade de ações, mas um só Deus que opera todas as coisas em todas as pessoas. Mas a cada um é dada a manifestação do Espírito para o bem comum (1 Coríntios 12:4-7).*



É em sua comunidade que cada pessoa encontra o reconhecimento de seu valor único e busca o seu próprio bem. E, ao mesmo tempo, como vasos comunicantes, cada pessoa busca o bem da comunidade.

Tudo isso é visualizado e realizado na compreensão do Regnum Christi como uma família espiritual e um corpo apostólico.

##### *Família Espiritual e Corpo Apostólico*

O Regnum Christi se define como uma “família espiritual e um corpo apostólico” (EFRC, n. 3). O que isso significa? Quais são as implicações des-

<sup>12</sup> *La vida fraterna en comunidad*, n. 8.

sa definição tanto para o Regnum Christi como uma instituição da Igreja, quanto para as localidades, seções e equipes que o compõem?

*O Regnum Christi é uma família espiritual*

Uma família é composta por indivíduos diversos, cada um com sua própria identidade e que, ao mesmo tempo, possui elementos que geram laços profundos, que incluem e transcendem os laços físicos. Da mesma forma, a Igreja usa a imagem da família espiritual para descrever as comunidades cujos membros estão ligados uns aos outros por laços sacramentais e espirituais: batismo, uma espiritualidade compartilhada, uma missão, circunstâncias de evangelização etc.

Essa imagem está profundamente enraizada nas Sagradas Escrituras. Dois textos podem exemplificar. Por um lado, os Atos dos Apóstolos, que nos conta como a comunidade cristã de Jerusalém viveu esse ideal radicalmente: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma; ninguém considerava unicamente sua coisa alguma do que possuía, mas compartilhava tudo o que tinha” (Atos 4,32). Por outro lado, encontramos na imagem bíblica do corpo místico uma luz particular para entender essa realidade. São Paulo, falando à comunidade cristã de Corinto, marcada por uma grande diversidade de pessoas, talentos, preocupações e dons carismáticos, lembra-lhes que, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de muitos, formam um só corpo, assim também é Cristo. Pois todos nós fomos batizados em um só Espírito, formando um só corpo — judeus e gregos, escravos ou livres — e a todos nós foi dado beber de um só Espírito. Pois o corpo não é formado de um só membro, mas de muitos (1 Coríntios 12:12-14).

De modo semelhante, seguindo o exemplo da Igreja primitiva, na qual havia diversos estados de vida e diversos dons e carismas a serviço da comunidade e da missão, no *Regnum Christi* essa realidade de ser uma família espiritual é vivida de forma palpável: diversas vocações e estados de vida formam uma parte viva dela, cada um com sua própria identidade e contribuição específica (cf. EFRC, n. 5), que, ao mesmo tempo, compartilham um carisma, uma espiritualidade e uma missão. Essa identidade é um dom para o todo, e somos chamados a reconhecer, valorizar, acolher e integrar o que cada vocação e cada indivíduo trazem.

Cada família se caracteriza por uma forma particular de interação entre seus membros. Partindo do desejo de ser um só coração e uma só alma, dentro de cada família existem momentos de unidade e presença compartilhada, mas também áreas de interesses e preocupações pessoais. Isso também acontece no *Regnum Christi*. A individualidade única de cada membro e de cada instituição que o compõe cresce e se desenvolve dentro dessa dinâmica de “compartilhar dons” e “respeitar as individualidades”.

### *O Regnum Christi é um corpo apostólico*

Os membros do *Regnum Christi* também vivenciam um profundo senso de comunhão na missão: aspiram à mesma coisa — que Cristo reine nos corações dos indivíduos e da sociedade “aqui e agora” — ainda que de maneiras diferentes e por meio de diversas ações.

Ser um corpo apostólico significa, portanto, que somos chamados à missão e que aspiramos realizá-la de forma coordenada, como um corpo em que há ordem, direção e apoio mútuo.

## Caridade, comunhão, corresponsabilidade, complementaridade

*EFRC, n. 27: “Congregados pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo na grande e única família da Igreja, e unidos por uma vocação comum ao Regnum Christi, fomentamos o espírito de corpo e a união de corações, ideais, propósitos e esforços. Promovemos a comunhão e a colaboração entre todos, conscientes de que a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão”.*

“As diferenças entre as pessoas e as comunidades são por vezes desconfortáveis, mas o Espírito Santo, que desperta esta diversidade, pode extrair algo de bom de tudo e transformá-lo num dinamismo evangelizador que atua por atração. A diversidade deve sempre ser reconciliada com a ajuda do Espírito Santo; só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, produzir a unidade”.<sup>13</sup>

No Regnum Christi, a caridade é a rainha das virtudes (cf. EFRC, n. 23), porque é o que Cristo pediu e ensinou aos seus apóstolos: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34). Deve ser uma dimensão que toque a vida interior de cada comunidade e a relação entre as diversas comunidades. Isso se reflete claramente no ideal cristão de viver “em profunda comunhão” e ser “testemunhas do amor de Jesus Cristo pela união e caridade entre nós” (EFRC, n. 6).

Este é um ideal exigente: a caridade é uma virtude que requer prática constante. E pode ser distorcida quando confundida com a simples compreensão mútua, a convivência harmoniosa ou com a ausência de conflitos ou de divergências significativas de opinião. Os Evangelhos são eloquentes ao apresentarem honestamente as diferenças, os atritos e os mal-entendidos que surgiram entre os apóstolos (cf. Mc 9,33-37).

<sup>13</sup> *Evangelii gaudium*, n. 131.

Para vivenciar essa dimensão, o Regnum Christi recomenda aos seus membros um caminho permanente de formação e conversão para a **comunhão**: através da oração, da escuta, do cultivo de relações fraternas maduras, da valorização dos dons dos outros e da rejeição de qualquer traço de rivalidade ou desconfiança. Ao mesmo tempo, convida-os a valorizar a autoridade como serviço à comunidade e ao desenvolvimento da missão; e a internacionalidade como sinal da universalidade do Reino e força para a evangelização num mundo globalizado (cf. EFRC, n. 29).

O Regnum Christi propõe ainda duas consequências muito concretas da comunhão, que procuram iluminar as relações entre as comunidades que o compõem e entre os indivíduos: a corresponsabilidade e a complementaridade (cf. EFRC, n. 28). **Corresponsabilidade** significa reconhecer a dignidade inerente a cada pessoa, bem como a sua corresponsabilidade na salvaguarda do patrimônio carismático e no cumprimento da missão comum. A **complementaridade**, por sua vez, nos recorda que, entre as diversas vocações que compõem o Regnum Christi e seu modo particular de viver o espírito e a missão comum, existe uma relação na qual cada pessoa contribui com suas qualidades únicas para o corpo e os valores, e promove as contribuições específicas dos outros.

Viver essas virtudes gera um espírito de alegria e esperança que se torna também um sinal. A experiência compartilhada do carisma e da missão, a certeza de se reconhecer como parte de uma família, desperta nas pessoas a alegria evangélica e o entusiasmo pela missão. Aprende-se a ver o mundo com os olhos de Cristo. E essa profunda alegria (cf. Lc 10,21-24) torna-se também um sinal do Reino, uma força radiante, e torna visível a beleza e o apelo da mensagem cristã e do próprio carisma dado por Deus (cf. Evangelii Gaudium, n. 21).

## **As comunidades que surgem no Regnum Christi**

Assim como Jesus estabeleceu diversos tipos de relações entre as pessoas e com Ele, também no Regnum Christi surgem laços e relações humanas, espirituais e apostólicas, gerando diversos tipos de comunidades, cada uma com sua própria identidade, mas todas unidas por um carisma compartilhado e uma missão comum.

Por um lado, existem as comunidades fundamentais que também servem de eixo à sua dimensão organizacional, como as localidades, as seções e as equipes. Existem também comunidades que surgem de obras ou atividades apostólicas, como os centros educativos. Podem ainda existir comunidades que surgem de interesses comuns ou de atividades institucionais específicas, como as redes e os grupos de trabalho. Toda esta diversidade, contudo, é sustentada por um espírito comum, como já foi referido.

### *A Localidade*

Em primeiro lugar, no Regnum Christi emerge de uma ampla comunidade, inteiramente iluminada pelo espírito evangelizador que animou os primeiros cristãos: a localidade. Esta é simultaneamente uma “comunidade de apóstolos e uma unidade operativa da Federação a serviço da evangelização, que abrange uma zona geográfica” (EFRC, n. 54, §1).

Quem faz parte desta comunidade de apóstolos? Quem está envolvido na vida e na missão do Regnum Christi nessa zona geográfica? Todas as pessoas, instituições e atividades apostólicas que participam na missão comum do Regnum Christi: as comunidades de Legionários, as consagradas, os leigos consagrados e os fiéis associados que fazem parte do Regnum Christi; e as pessoas de boa vontade que se envolvem

em sua vida e missão de diversas maneiras. Também participam da dinâmica evangelizadora da localidade as instituições que compartilham o carisma, como os centros educativos do Regnum Christi e as paróquias confiadas aos Legionários de Cristo.

Todas essas características nos permitem afirmar que a localidade é a comunidade que expressa de forma mais plena e primordial a realidade do Regnum Christi como uma “família espiritual e corpo apostólico”. É uma “comunidade de comunidades”, uma rede viva de laços, esforços, pessoas, iniciativas e instituições interligadas por um espírito compartilhado e uma missão comum.

Os objetivos da localidade podem ser resumidos em três palavras: comunhão, missão e coordenação, pois aspira promover a comunhão, avançar na missão comum e coordenar esforços e recursos. O meio concreto para alcançar esses três objetivos é o planejamento local. Neste planejamento, a riqueza de dons, carismas e talentos de cada pessoa, cada vocação e cada obra apostólica convergem em uma visão partilhada e em uma compreensão comum da missão.

De fato, em cada localidade, o Regnum Christi abrange diversas realidades: seções, obras educativas, comunidades consagradas e apostolados, todos unidos por uma missão comum: evangelizar a sociedade em que estão inseridos, segundo o carisma dado por Deus. Portanto, cada um é chamado a contribuir para esta missão a partir da sua própria identidade única. O plano de evangelização local permite a orientação e a coordenação de todos os esforços – na sua variedade e multiplicidade – para alcançar um impacto significativo e reforçar o dinamismo apostólico.

## *A seção*

O número 32 do Regulamento dos fiéis Associados (RFA) afirma que a seção é “um conjunto de equipes”. Portanto, pode ser descrita e considerada como uma comunidade de pequenas comunidades de apóstolos, que são as equipes. Nela, os membros encontram-se num ambiente natural para aprender, experimentar e viver o carisma e a missão no dia a dia.

Sua importância é fundamental: é o lugar, o espaço que aspira a ser uma verdadeira esfera de vida comunitária, onde se cultiva um estilo de vida em consonância com o espírito do Regnum Christi: o espaço vital onde o membro cresce (através da oração, da formação e do acompanhamento); onde o apóstolo – individualmente ou com outros – está em movimento, impelido à missão. É também onde novas comunidades são geradas, através da atração e do alcance inerentes a qualquer comunidade aberta e acolhedora.

Além disso, de uma perspectiva organizacional, a seção é a estrutura que o Regnum Christi oferece às equipes em uma determinada área, proporcionando-lhes acompanhamento, alcance apostólico e oportunidades de formação. Portanto, também é importante sua dimensão mais prática de estruturas organizacionais, espaços e projetos.

## *A Equipe*

A equipe é a comunidade fundamental que surge dentro do Regnum Christi. Pode ser considerada, por analogia com a família, uma realidade primária e necessária para o desenvolvimento espiritual e apostólico de cada membro. Possui uma dimensão particular, profundamente enraizada no Novo Testamento, que o referido documento aborda no número 14: considerando-a o ambiente natural onde a vida cresce e se desenvolve dentro do Regnum Christi.

Em sua essência mais profunda, é uma comunidade de apóstolos, um grupo de membros unidos em fraternidade cristã para se ajudarem mutuamente em seu caminho para a santidade, em sua formação e em seu trabalho apostólico, seguindo o exemplo das primeiras comunidades cristãs.

Finalmente, essas características da equipe do Regnum Christi também são encontradas nas comunidades consagradas que fazem parte da comunidade local. Sua presença é um recurso valioso para cada membro e cada equipe, pois refletem o espírito das primeiras comunidades cristãs.

### *Redes*

O n. 49 dos Estatutos estabelece que, para infundir o espírito cristão nos diversos ambientes sociais e culturais e promover iniciativas específicas para esse fim, os membros do Regnum Christi podem formar redes nacionais ou internacionais de pessoas com base em profissões ou áreas de interesse, ou aderir a redes já existentes. O Estatuto oferece a seguinte definição: “Uma rede é um conjunto de pessoas ou instituições com interesses comuns que se unem para se apoiarem mutuamente no planejamento e na realização de projetos evangelizadores em algum âmbito da vida social”.

À luz dessa definição, as redes podem ser consideradas, em sentido amplo, um certo tipo de comunidade, pois abrangem duas dimensões inerentes: um vínculo associativo e uma ação missionária. Em alguns casos, será o vínculo associativo que mais determinará a dimensão comunitária (como ocorre, por exemplo, na rede de padres diocesanos do Regnum Christi ou na rede de colaboradores); em outros casos, será mais a missão compartilhada ou o projeto apostólico que determinará esse vínculo.

## *Centros Educativos*

Os centros educativos ocupam um lugar especial na história das comunidades que surgiram no Regnum Christi. Essas instituições, que são essencialmente comunidades educativas, embora possuam uma identidade e missão específicas como instituições católicas do Regnum Christi a serviço da sociedade, muitas vezes têm sido a plataforma e a fonte de onde surgem equipes, seções e apostolados, tornando-se inclusive a obra central em torno da qual gira a vida de uma localidade, impulsionando seu dinamismo apostólico e formativo.

Por essa razão, os Estatutos dão especial ênfase à sua ligação com as comunidades do Regnum Christi, respeitando, ao mesmo tempo, sua própria identidade. Estipulam que deve existir uma relação de colaboração específica entre as obras, seções e programas de apostolado, e entre o diretor local e os diretores das obras (cf. Nota Explicativa que precede os números 42 a 45 dos Estatutos da Federação Regnum Christi e RGFRC, n.º 42, 4).

## Conclusão

As comunidades de apóstolos estão no próprio coração da vida da Igreja desde as suas origens. No Regnum Christi, esse ideal é atualizado e concreto, moldando comunidades centradas em Cristo, unidas na caridade e enviadas em missão para fazer o seu Reino presente no mundo de hoje, em comunhão com a Igreja local. Assim, nossas comunidades são integradas à vida pastoral da diocese e colocadas à disposição dos bispos para colaborar na evangelização do Povo de Deus. Essa comunhão não só garante a fecundidade apostólica, mas é também expressão concreta do amor pela Igreja, uma característica do nosso carisma. Ser apóstolos do Reino significa ser testemunha da unidade e da colaboração eclesial.

Ao longo deste ensaio, consideramos primeiramente como Jesus formou a sua comunidade de apóstolos: chamou-os para estarem com ele, moldou-os com o seu modo de vida e enviou-os para pregar o Reino, formando um grupo que é sinal de fraternidade e serviço para o mundo. Vimos então como esse estilo permeia a vida e a missão do Regnum Christi, onde nossas comunidades nascem do chamado de Cristo, são nutridas pela Palavra, pela Eucaristia e pela oração, discernem sua missão em conjunto e buscam vivê-la com ousadia, caridade e responsabilidade compartilhada.

No cerne desta reflexão está o fato de que Jesus não chamou apenas indivíduos isolados, mas também instituiu os Doze como uma comunidade com uma missão comum: ser enviados. Participaram ativamente da missão, sustentados pelo poder do Espírito e pela promessa de sua presença constante.

Da mesma forma, nossas comunidades no Regnum Christi são comunidades de apóstolos que, juntos, abraçam uma missão compartilhada, discernida e acolhida como resposta concreta ao chamado de Cristo.

Assim como os primeiros apóstolos sabiam que foram enviados aos confins da terra, também nós somos chamados a viver com consciência e coragem a missão que nos cabe hoje: ir ao encontro daqueles que precisam do Evangelho, formar novas comunidades e estender o Reino onde quer que o Senhor nos tenha colocado.

Retornar às fontes bíblicas, redescobrir o dinamismo missionário das primeiras comunidades cristãs e aprofundar nossa compreensão do carisma que nos foi confiado é um chamado para renovar nossa identidade e missão. Que este caminho nos impulse a continuar crescendo como autênticas comunidades de apóstolos, a serviço de Cristo e do seu Reino.





